

Introdução

Este trabalho propõe o uso da narratologia ou dos procedimentos da Análise da Narrativa, tal como desenvolvida pela teoria da literatura, para a análise da produção de sentido pelos textos jornalísticos.¹ Acreditamos que através dos procedimentos da narratologia é possível remontar seqüências de notícias sobre um mesmo tema recompondo histórias plenas de sentido que nos permitem visualizar aspectos simbólicos nem sempre explícitos. Partindo do entendimento da notícia como um produto cultural, de caráter ritualístico e antropológico, propomos a recomposição de enredos em torno de temas que se mantêm no noticiário durante dias, semanas ou meses seguidos. Sobre estas histórias recompostas, sugerimos a utilização de categorias ou funções (ordenamento temporal das ações) da Análise da Narrativa que permitam visualizar uma sintaxe narrativa e ligar os fios de um enredo subentendido pela redundância ou repetição de conteúdos antes dissipados em notícias dispersas. Arma-se então uma trama na forma de intriga que sugere e permite a análise dos conflitos, dos papéis das personagens, dos antagonistas e protagonistas, dos cenários e das temporalidades narrativas. Vista desde sua narratividade, os relatos das notícias abrem-se então à análise simbólica, como qualquer texto literário ou obra de arte. Para não ignorar os aspectos operativos e profissionais próprios da comunicação jornalística, sugerimos uma análise do narrador, introduzindo-se neste processo os procedimentos da Pragmática da Comunicação, que traz o específico da comunicação jornalística para o interior da Análise da Narrativa. Vamos por partes.

Acreditamos que o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos² que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere ou oculta.³ As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não apenas trazem à audiência informação, mais que isso, atualizam a realidade social. Renovam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação. O jornalismo atua além da mera produção de

¹ A narratologia é um ramo da teoria literária ainda em conformação. Sugerimos, para o seu entendimento preliminar, a leitura de Mieke Bal, *Teoria de la Narrativa (Una Introducción a la Narratología)*, Cátedra, Madrid, 2001

² A palavra “**sentido**” será utilizada, daqui por diante, para referir-se às potencialidades semânticas. Evitaremos, pois, a palavra **significado** para evitar confusões conceituais com a perspectiva saussuriana de referência aos termos lingüísticos. Entendemos que o termo **significado** tal como proposto por Saussure possui caráter mais fixo e estático, enquanto **sentido** nos oferece volatilidade, dinâmica, atualização constante e multiplicidade.

³ Nos últimos anos, diversos estudos procuraram identificar elementos ideológicos dos fatos narrados pelas notícias para além dos conteúdos proporcionais. São estudos por demais conhecidos e por isto julgamos dispensável citá-los aqui.

notícias para um consumo massivo de informações. Configura-se em veículo de re-inserção da audiência no universo social. Algo que se dá de forma habitual, ritualística. Falamos, pois, de um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atuam na construção social da realidade, à medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo.

Berger e Luckman⁴ observam que a apreensão da realidade social se dá de forma objetiva e subjetiva, mediante “um contínuo de tipificações” e padrões recorrentes da interação. A relação do homem com o mundo social é uma relação dialética, ou seja, um atua sobre o outro. “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social. Torna-se desde já evidente que qualquer análise que deixe de lado algum destes três momentos será uma análise distorcida”. Os padrões, as tipificações, os “modelos”, os paradigmas são ferramentas-guia para interiorização da realidade e sua absorção como experiência social. Estes ganham contornos, amplitude e sentido no emaranhado de relações históricas, tradicionais, míticas, religiosas, regionais, institucionais, etc., do que podemos chamar de cultura. Isto quer dizer que a realidade é apreendida de forma objetiva e subjetivamente, através da interiorização de sentidos estabelecidos sócio-culturalmente. Fatos isolados pouco ou nada significam, senão, quando inscritos num contexto maior, num pano de fundo que permita interpreta-lo, encaixa-lo no escopo da realidade social. Esse processo não está livre de impressões do imaginário. Ao contrário, utiliza-se do imaginário coletivo, do sistema simbólico continuamente alimentado pelo universo cultural para preencher as lacunas deixadas na leitura meramente objetiva e racional.

Para nós, como produto cultural, as notícias narram não apenas os fatos historicamente localizados, mas constroem a realidade social re-significando-a mediante elementos presentes no universo cultural⁵. Narram os dramas e tragédias da vida humana, os conflitos, as lutas, as utopias, os sonhos, os medos, os desejos, as frustrações, os sentimentos de personagens que preenchem as páginas de jornais e revistas, bem como a programação de rádio e tevê. Esse processo narrativo do cotidiano surge impregnado de elementos provenientes do imaginário e da memória cultural coletiva a misturar-se com a realidade objetiva dos fatos reportados. Interpretar simbolicamente a produção jornalística, tal qual pretendemos, é realizar uma espécie de etnologia da notícia.

⁴ BERGER, P & LUCKMAN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis. Vozes. 2001, pág. 87.

⁵ MOTTA, Luiz Gonzaga. Conflito Político e Geração de Sentido nas Notícias in *Cadernos do CEAM* n°6, EdUnb, Brasília, 2001, p.33.

Pensamos que, apesar do esforço empreendido pelos profissionais de ater-se à objetividade dos fatos, é possível observar na contínua produção jornalística a recorrência de notícias que narram histórias e conflitos que se repetem ao longo dos anos, com diferentes personagens e cenários. Como fábulas que se atualizam para manterem-se vivas culturalmente. Notícias sobre morte e vida, sobre maternidade e paternidade, sobre lutas irreconciliáveis, sobre esperança e solidariedade, sobre dor e alegria, sobre a natureza, seus encantos e calamidades, sobre amores que vencem obstáculos, heróis que viram bandidos, bandidos que viram heróis. Fragmentos antropológicos que emanam do recontar diário da História do homem. Como num ritual, a cada dia que passa, mais um dia é narrado. Um dia a ser posicionado na suprema narrativa humana. E nela, alcançar sentidos. É justamente através da análise destas narrativas produzidas pelas notícias é que se torna possível identificar e interpretar os sentidos alimentados por elementos culturais, e proceder a uma abordagem antropológica das notícias. Entendida como produto cultural, dotado de sistema simbólico estruturado em torno de sua linguagem, as notícias são postas em análise a revelar de que forma surgem, na sua economia discursiva, os termos condutores a tal nível subjetivo.

A discussão desenvolvida neste trabalho trata as notícias como produtos culturais dotados de elementos antropológicos que emergem dos conteúdos informativos proposicionais, transcendendo-os simbolicamente. Convém ressaltar que não se está considerando as notícias como textos de ficção escritos por jornalistas. A prática jornalística de noticiar é um exercício instrumental de busca da objetividade máxima, de uma referencialidade limpa de juízos de valor, como exigência profissional, o que pode ser observado nos manuais de redação e texto de introdução ao jornalismo. O que faz do jornalismo um mediador especializado da realidade social, na qual é agente construtor e re-significador, é sua credibilidade para “contar a realidade histórica tal como ela é”. O jornalismo fala à população mediante um “contrato” de veracidade. Relata aquilo que apura como fato acontecido. Não faz ficção. O que muitas vezes confere uma ilusória crença de que o que se vê nas notícias são os fatos, e não sua construção em forma de linguagem, sujeita a todas as suas imprecisões. A mediação da realidade desempenhada pelo jornalismo emprega impressões reveladoras não apenas das intenções ideologicamente direcionadas, mas elementos antropológicos como crenças, valores, desejos, éticas, morais e diversas outras nuances que fazem parte da cultura onde estão inseridos todos os membros deste processo de mediação.

Contudo, acreditamos que há no processo de mediação da realidade social realizado pelas notícias componentes simbólicos atuantes que interpelam os sujeitos durante os seus esforços de compreensão da realidade caótica e contraditória. É neste esforço de apreensão da realidade que o imaginário dos leitores penetra no ato de leitura preenchendo as lacunas deixadas pelo texto⁶. A natureza logomítica da linguagem lhe confere potencial disseminador de sentidos que extrapolam a referência direta e racional, pois sugere imagens, sensações, texturas, sentimentos, memórias. Assim vistas, as notícias conformam um sistema eminentemente simbólico. Como bem o propõe Chillón, as notícias são estruturas simbólicas que utilizam a linguagem para comunicar, para mediar fatos componentes da realidade social. E, por maior que seja a força empregada ao narrar de forma objetiva e referencial, atuará sob a tensão entre conceito e imagem, entre *logos* e *mythos*. Portanto, mesmo as notícias jornalísticas objetivas são agentes construtores de uma realidade social e não mera reprodução como um espelho da realidade na medida em que narram a história. Diz este autor que a linguagem humana não pode ser reduzida a relações de significados canônicos, lineares e unidimensionais, puramente lógica e precisa, um veículo transportador de conceitos como um trem de mercadorias, no quais os vagões (significantes) transportam a carga (significados), pois a palavra é símbolo polissêmico, alusivo, equívoco:

“Al concebir el lenguaje como retórico, Nietzsche nos dice no sólo que la palabra es expresión y representación en vez de reproducción, sino también que tal expresión tiene inevitablemente un carácter *figural*, es decir, metafórico-simbólico. La palabra es siempre tensión entre el *concepto unívoco (logos)* y la *imagen equívoca (mythos)*, expresa siempre de modo *figurado*: imperfecto, incompleto, alusivo, borroso. Por su naturaleza eminentemente simbólica, el lenguaje a un tiempo revela y oculta, alumbra, insinúa y oscurece: hay una zona de borrosidad y de claroscuro inevitable entre las palabras y su sentido”⁷.

A narratologia aplicada às notícias: narrativas da realidade

Ao destacar o caráter narrativo das notícias de jornal, não se está afirmando que estas são narrativas individuais acabadas e dotadas de elementos simbólicos facilmente identificáveis. Sua linguagem, forçosamente objetivada, reduz a evidência narrativa, embora não a extinga.⁸ Não é numa única e isolada notícia onde encontraremos uma narrativa a contar uma história, mas num conjunto delas sobre o mesmo assunto, no contínuo acompanhamento de fatos que se sucedem ao longo de

⁶ A palavra texto está sendo utilizada para descrever qualquer linguagem comunicativa, seja escrita, significa, icônica ou audiovisual.

⁷ Chillón, Albert, *Jornalismo y Literatura*, Aldeà Global, Barcelona, 1999, p. 34

⁸ Com exceção das notícias estilisticamente devotadas à narrativa como os *fait divers* e as reportagens do *new journalism*

dias ou semanas seguidas. Como ações, ou episódios a conformar uma história. Ou seja, é na observação da seqüência de notícias que compõem uma cobertura jornalística que se pode observar a conformação de um enredo que conforma então uma história completa. Observadas em seu encadeamento, o conjunto das notícias formará uma seqüência de ações que transformam e modificam, no transcorrer do tempo, o estado inicial das coisas. O conjunto destas notícias – o relato da história recomposta - forma então a base empírica para a aplicação das técnicas hermenêuticas da análise da narrativa.

O relato é referencial, mimético, e age cognitivamente na recriação de um universo que o ambienta e o suporta. O texto jornalístico não é mais que a recriação lingüística de fatos. Como o é o texto literário. Contudo, este confronto mental se dá com o que Ricoeur denominou “o mundo da obra”, uma proposição de mundo. Esta entendida não como a leitura de uma “intenção oculta” no texto, mas com a intenção de “expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo. Do que ele revela através da exposição do leitor ao mundo do texto e a resposta deste si mais amplo”.⁹ Como propõe Ricoeur à leitura da obra de arte, também acreditamos que pode ser empregado à leitura do texto jornalístico, a partir de um conjunto de notícias formadoras de uma narrativa.

“É essencial a uma obra literária, a uma obra de arte em geral, que ela transcenda suas próprias condições psicossociológicas de produção e que se abra, assim, a uma seqüência ilimitada de leituras, elas mesmas situadas em contextos sócio-culturais diferentes. Em suma, o texto deve poder, tanto do ponto de vista sociológico quanto do psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler”.¹⁰

Para empreendermos a busca rumo à identificação dos subsídios que relacionam dois mundos diversos, mas complementares, precisamos estudar a literalidade das narrativas. Segundo Jakobson, isso não significa fazer literatura, tampouco crítica literária, mas apreender as peculiaridades do discurso literário, a partir da idéia de sentido e interpretação. Com efeito, o sentido seria a correlação de um elemento da narrativa com outro elemento ou com a própria narrativa. Por outro lado, a interpretação de um elemento da narrativa é diferente, pois se constrói segundo a personalidade, posições ideológicas do analista e segundo a época.¹¹ Do ponto de vista de sua existência, a narrativa não tem uma existência independente, visto que aparece em um universo povoado por imagens e outras narrativas, no qual se integra.

Em nossa proposta de construção de um modelo de análise buscamos observar um tipo especial de obra em prosa: a narrativa. Sugerimos o uso da proposta metodológica, elaborada por Todorov, para a análise das narrativas, aplicando tal

⁹ In RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1983, p. 58.

¹⁰ Ricoeur, op. cit., p. 53

¹¹ Todorov, Tzvetan, *As categorias da narrativa literária*, in *Análise Estrutural da Narrativa*, Vozes, Petrópolis, RJ, 1973, p.210.

método às histórias relatadas pelas notícias durante determinado período de tempo, tal como observamos acima. Em princípio, a proposta de análise enfoca a história contada pelos veículos de comunicação de massa, cujos relatos, desencadeados por um acontecimento singular através da seqüência de notícias sobre um mesmo assunto divulgadas em edições sucessivas do jornais, telejornais ou radio-jornais. Com o objetivo de facilitar a observação dessa grande “estória”, sugerimos a utilização da análise da narrativa, aplicada sobre a história reagrupada pela seqüência de notícias, complementada por uma análise pragmática e uma análise simbólica, tal como observaremos mais adiante.

Como a obra literária, em especial a narrativa, entendemos ser o texto jornalístico, também, ao mesmo tempo uma história e um discurso:

“Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a recebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los”.¹²

No texto jornalístico, procuramos identificar as categorias narrativas no domínio da história, buscando na materialidade dos fatos: a lógica das ações, os personagens e suas relações. É preciso verificar como a trama, enredo, ou intriga é organizada no plano de organização macro-estrutural do texto narrativo, caracterizado pela sucessão dos eventos, segundo suas estratégias discursivas. Os eventos são apresentados de forma encadeada de modo a fomentar a curiosidade do leitor. O fio condutor do processo narrativo baseia-se nas ações explicitadas pela sucessão de atos praticados pelos atores e seu conseqüente enquadramento temporal ao longo de toda a narrativa jornalística. A opção inicial por determinada estratégia comunicativa implica a tendência de apresentar os fatos de maneira serial e encadeada, com o escopo de fomentar a curiosidade do leitor sem direcionar a seqüência para um desenlace que inviabilize a continuação da intriga. A ação tem uma lógica, que está diretamente ligada às repetições, pois em toda obra narrativa existe essa tendência.

“Em toda obra existe uma tendência à repetição, que concerne à ação, aos personagens ou mesmo a detalhes da descrição. Esta lei da repetição, cuja extensão ultrapassa de muito a obra, precisa-se em muitas formas particulares que levam o mesmo nome que certas figuras retóricas. Uma destas formas seria, por exemplo, a antítese, contraste que pressupõe, para ser percebido, uma parte idêntica em cada um dos dois termos”.¹³

¹² Todorov(1973), op. cit., p. 212

¹³ Todorov(1973), op. cit., p. 213

O conflito como categoria da análise da narrativa se atualiza pelas ações dos atores sociais (personagens). Essas ações se sucedem e são desempenhadas pelos sujeitos que tomam parte na intriga, sendo cada performance narrada determinada pelo tempo em que se desenvolvem, com a finalidade de proporcionar transformações, ou seja, mudanças de estado. Além da antítese, outras características ligadas à ação, se repetem no texto. A gradação é outra forma de repetição, que tem como função evitar um perigo que ronda toda narrativa: a monotonia. O paralelismo também é outra variável ligada à repetição, e segundo Todorov, é de longe a forma mais difundida, pois todo paralelismo é constituído de pelo menos duas seqüências que comportam elementos diferentes e semelhantes. As funções que cada personagem desempenha durante o desenrolar dos fatos não são estáticas, mas se revezam a cada capítulo da estória. A narrativa jornalística evidencia claramente o contexto no qual as tomadas de posição acontecem, construindo o fundo para que os atores sociais desempenhem seus papéis, de forma a caracterizar os contornos de cada personagens e suas possíveis atitudes.

Dentro dessa estrutura maior, que é o enredo, identificamos as unidades mínimas, que Barthes chama de seqüência. São blocos semanticamente coesos, organizados em ciclos que o leitor reconhece com facilidade. Ainda segundo Barthes, “são átomos narrativos unidos por uma relação de solidariedade: a seqüência inicia-se quando, um dos seus termos não tem antecedente solidário e fecha-se quando outro dos seus termos deixa de ter consequente”. O conflito toma corpo a partir do encadeamento das ações dos personagens, evidenciando uma seqüência dos fatos que, por consequente, definem uma certa serialidade à narrativa jornalística. Esse processo dinâmico se desenvolve como capítulos de uma novela, onde cada episódio é claramente marcado pela alternância de ações entre os contendores ou personagens.

Segundo Todorov, poderemos entender a narrativa como uma seqüência com a seguinte conformação: Situação Inicial – o primeiro capítulo, no qual o narrador informa o leitor sobre o cenário, sobre as ações iniciais de cada personagem, bem como os preparativos para futuras ações, mostrando as possibilidades para o desenrolar e os possíveis rumos dos acontecimentos; Desequilíbrio – o segundo capítulo, com o surgimento de fatos que desestabilizam um quadro de aparente equilíbrio; Transformação – o terceiro capítulo, o quadro inicial é totalmente transformado, desembocando num clímax; Resolução – o quarto capítulo caracteriza-se pela resolução do processo de transformação, cujas conseqüências são irreversíveis; Situação Final – o epílogo, o anticlímax, acontece quando a situação de aparente

estabilidade é retomada, com uma certa incoerência, sendo a situação final diversa da inicial. Essa disposição seqüencial dos fatos caracteriza, de certa forma, a organização da economia da narrativa, que se estabelece em torno dos personagens cujas ações se revezam ao longo do conflito. Nessa disposição serial dos relatos, a recorrência, outra categoria narrativa, se apresenta como uma instância necessária para a organização da história contada, pois gera um certo ritmo e estrutura a seqüência da história, pela alternância das ações, de forma a permitir ao leitor a fácil apreensão do desenrolar dos acontecimentos. No desenrolar do conflito cada personagem assume seu papel a partir das ações que desempenha, indicando o caminho, assumindo uma conduta, ou seja, um maior ou menor comprometimento e conseqüente posicionamento em função dos efeitos dessas ações que pratica na sucessão dos acontecimentos. Essa sucessão de acontecimentos é plenamente retratada de forma clara pela narrativa, cuja velocidade imprimida ao relato alarga o horizonte temporal, embora a isocronia sugerisse um certo respeito do narrador às dimensões temporais. Esse fato se evidencia pela seqüência narrativa de Todorov, onde cada capítulo é construído em torno de uma determinada ação e, por conseguinte, de um personagem.

Outro aspecto que a seqüência narrativa nos permite inferir, diz respeito ao tempo. Se não fosse pela história, teríamos a impressão de que o tempo decorrido não é cronológico, pois os fatos relatados remetem o leitor aos fatos anteriores, e ao mesmo tempo aos possíveis desfechos, gerando impressão de uma atualização cíclica do conflito, definindo, de certo modo, outra dimensão que não a histórica. Essa seqüência de eventos temporalmente ordenados: preparação, perturbação, confronto, distensão e retorno a uma nova situação de estabilidade, suscitam no leitor um certo desejo de conhecer o desenlace dos acontecimentos. Nesse ponto o leitor é requisitado, ensejado a uma participação efetiva, a partir da mobilização de sua memória. Essa relação causal entre eventos narrados configura-se como uma estratégia do narrador desenvolvida com o objetivo de captar a atenção do leitor.

Toda a serialidade que vai sendo construída ao longo das seqüências narrativas tem o foco nas ações que os personagens desempenham, atribuindo grande importância aos personagens da narrativa, que navegam com fluência entre a ficção e a realidade, pois as personagens representam as pessoas, segundo as modalidades próprias da ficção.¹⁴ Segundo Beth Brait, o autor da narrativa é aquele que da forma à personagem que habita a realidade ficcional, sendo a matéria da qual é feita e o

¹⁴ Ducrot, Oswald & Todorov, Tzvetan. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem, S.Paulo, Perspectiva, 1972, p.210.

espaço habitado, diverso da matéria e do espaço dos seres humanos, mas guardando um estreito relacionamento entre essas duas realidades. Essas realidades são permeadas pelo mundo da linguagem, que representa, simula e cria a chamada realidade.¹⁵

A discussão que se refere às diferenças e semelhanças existentes entre pessoas e personagens, a princípio nos fazem acreditar que os personagens das narrativas, especificamente os das narrativas jornalísticas, sugerem um relato fiel de uma realidade objetiva. Entretanto, estamos lidando com a linguagem que nos permite uma construção fragmentada e reduzida da realidade, gerando no leitor uma certa convivência rumo à produção do sentido. Através dessa construção possível e fragmentada da realidade o narrador reinventa a realidade e articula uma certa existência às personagens. Através de um processo de caracterização, o narrador dá dimensão e cria a ilusão de existência para os espaços e personagens. A partir da decomposição das frases, podemos constatar que elementos estruturais foram definidos pelo narrador para situar o leitor no seu ponto de visão.

Portanto, a personagem ocupa um lugar de destaque em qualquer narrativa, visto que, como já mencionado, é em seu entorno e decorrência de sua existência, que a própria narrativa se constrói. Com efeito, é a partir da identificação dos recursos utilizados pelo narrador na construção das personagens, sejam retiradas de sua vivência real, ou de uma instância imaginária, de sonhos e pesadelos, poderemos materializar essas personalidades, segundo a apreensão do jogo de linguagem que torna sua presença tangível e sensível os seus movimentos. Dessa forma,

“o texto é o produto final dessa espécie de bruxaria, ele é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados pelo escritor para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Nesse sentido, é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção lingüística literária ou espelho do ser humano.”¹⁶

O Narrador e a pragmática do texto jornalístico

Ao falarmos em pragmática referimo-nos a sua concepção moderna, proposta por J. Austin, J. Searle, e diversos outros autores. Como ferramenta de análise das notícias jornalísticas a Pragmática Comunicativa configura-se fundamental na relação do universo discursivo do material empírico e seu contexto extralingüístico. Como a condição de produção e as peculiaridades do gênero jornalístico, a posição do

¹⁵ Brait, Beth. A Personagem. S.Paulo, Ática, 1985, p.12.

¹⁶ Brait, op. cit., p. 12

narrador sobre o fato, impressões do narrador deixadas na narrativa, intenções, a estratégia comunicativa, efeitos pretendidos, a performance dos participantes. A Pragmática permitirá fazer a relação da interpretação simbólica com o mundo empírico, com a notícia como fato histórico, e as relações entre as personagens (participantes da narrativa), narradores, a audiência, o veículo. Através da análise pragmática torna-se possível observar o jogo cognitivo estabelecido entre emissores e público receptor.¹⁷ O primeiro mergulho no texto jornalístico dá-se, pois, com o apoio destas questões da pragmática comunicativa.¹⁸

Deste ponto de vista, o texto jornalístico¹⁹ é analisado para observar as escolhas estilísticas que suscitam diferentes pesos emocionais (além dos informacionais) como expressões e figuras de linguagem, valorização de determinadas questões ou depoimentos. Essa estratégia comunicativa identifica determinados efeitos a serem provocados quando do momento de leitura, sejam de tensão, suspense, comoção, indignação, medo ou riso. Revela também em que medida o narrador se aproxima ou se distancia dos fatos narrados. Como ele deixa transparecer sua opinião pessoal, sua própria visão de mundo, sua compreensão ou até incompreensão do fato narrado. Assim, é possível observar quais fatos recebem maior ênfase em detrimento de outros, e que personagens assumem lugar de fala privilegiado. Estas questões revelam a estratégia comunicativa executada pelos textos jornalísticos. Não é possível prescindir deste importante momento de análise do texto jornalístico, pois, como bem nos aponta Chillón, também os jornalistas não podem prescindir de sua ideologia, de suas impressões, sentimentos e atitudes frente àquilo que está sendo narrado por eles. Este primeiro passo proporciona subsídios para a perfeita compreensão e interpretação da narrativa proposta pelos textos jornalísticos, sem perder o foco das relações do mundo simbólico e o mundo empírico:

“Los comunicadores no pueden prescindir de sus particulares ideologías, sentimientos, actitudes – y, en resumen, de su *weltanschauung* –, y así mismo que su tarea está constreñida por múltiples condicionamientos relativos a las rutinas productivas, a la cultura profesional imperante y, entre otros factores más, al extendido uso de las formas y procedimientos expresivos que se

¹⁷ A pragmática moderna tal como desenvolvida por filósofos da linguagem como J. Austin¹⁷ é cara a nossa interpretação como ferramenta de análise a partir do material empírico. Os conceitos desenvolvidos sobre os atos de leitura, são importantes para a observação. Austin propõe a existência distinta de três atividades complementares na enunciação. Proferir um enunciado é realizar um **ato locutório**, ou seja, organizar foneticamente sentidos numa determinada língua; um **ato ilocutório** é a impressão, a “força” deixada no próprio ato de proferir um enunciado; e a **ação perlocutória** que são os efeitos provocados pelo simples fato de proferir um enunciado. Este campo de observação da **ação perlocutória** extrapola o contexto lingüístico, e alcança o ambiente onde o enunciado foi proferido, as pessoas envolvidas, o momento histórico, as relações e os efeitos.

¹⁸ Maingeneau (1996), p. 8.

¹⁹ Reitera-se mais uma vez que a palavra texto refere-se a qualquer unidade semântico-comunicativa como imagem, sons, ícones e outros signos utilizados pela narrativa jornalística, não se limitando à lingüística.

componen la *retórica de la objetividad*. Una retórica en cuya urdimbre estilística se condensa y expresa con notable eficacia y capacidad persuasiva no sólo el *mito del objetivismo* considerado en general, sino muy singularmente el *mito de la objetividad periodística*”.²⁰

Na tentativa de resumir as formas possíveis de construção das personagens, nos defrontamos com o papel desempenhado pelo narrador no contexto do universo textual, pois cabe a essa categoria a função de conduzir o leitor através de uma realidade que se vai construindo à sua frente. Esse é o segundo passo, ou seja, a outra questão importante para a análise da narrativa jornalística, o ponto de vista do narrador, que ao longo da seqüência narrativa se mantém a uma certa distância, mas em outros momentos da narrativa, constrói laços de afetividade que o aproximam do leitor.

Consideraremos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, como uma verdadeira câmera; ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará com um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens.²¹ Compreendemos os momentos de grande aproximação do referente empírico aqueles em que o narrador se esforça por traduzir em relatos diretos os acontecimentos de sua observação. Nesses momentos, os relatos se remetem ao grau máximo objetividade. Ao revés, quando ele se deixa penetrar por percepções estéticas, cresce a subjetividade e as emoções transparecem e podem induzir o leitor a uma reação emocional. Nesse movimento de aproximação e afastamento, percebemos certos indícios de um retorno às origens da narrativa, ou seja, aos modelos arcaicos do narrador. Aquele que fala das coisas de terras distantes, como falava o narrador viajante, ao mesmo tempo em que se fala das coisas da terra, da tradição, como a falava o camponês sedentário.²²

Com efeito, devemos centrar a observação no discurso, na fala dirigida ao leitor, dividindo os procedimentos: segundo o tempo da narrativa, onde se dá a relação tempo da história e do discurso; os aspectos da narrativa, a maneira pela qual o narrador percebe a história; e os modos da narrativa, o tipo de discurso utilizado pelo narrador a fim de que conheçamos a história.²³ A partir da identificação dessas categorias e de suas qualidades narrativas intrínsecas,

²⁰ Chillón, op. cit., p. 47.

²¹ Brait (1985), op.cit., p. 12.

²² Benjamin, Walter. O Narrador in *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

²³ Todorov(1973), op. cit., p.231.

pode-se depreender como uma sucessão de eventos, cuja origem poderíamos atribuir a um acontecimento singular, desencadeia uma seqüência de sucessivos eventos narrativos, cuja análise da cobertura jornalística nos permitirá aplicar essa metodologia às reportagens com o fito de permitir-nos reescrever as seqüências, a partir da atuação de cada personagem, conformando, por fim, uma “grande narrativa”.

Interpretação Simbólica do texto Jornalístico

Por fim, após a análise da narrativa jornalística, é preciso fazer o movimento da emersão, de deixarmos a materialidade dos fatos, buscando as interpretações simbólicas possíveis. Se a própria narrativa, oriunda das sucessivas reportagens nos remete à subjetividade e à ficcionalidade, some-se a elas as ressonâncias, ora sugeridas pela narrativa, remetendo nossa interpretação ao conto e à fábula, ou à atualização do mito²⁴. Considerados os passos anteriores, a interpretação procura identificar padrões imagéticos, questões que sugerem modelos éticos e estéticos, valores míticos, recorrências, enfim, uma série de elementos que têm participação direta no enredo ou que funcionam como suporte ou pano de fundo para um tema específico, amplificando ou diluindo seus efeitos no processo. Identificamos, assim, em outro plano, o que podemos chamar de o fio condutor da narrativa, em cujo interior estão depositados os sentidos metafóricos e metonímicos, apoiados na ideologia e no mito. A objetividade da notícia cede lugar então a novos sentidos de desejo e às utopias. É o instante no qual se deve procurar identificar os conteúdos culturais, aqueles sentidos, que segundo Durand, se depositaram no fundo da bacia semântica. É uma busca da realidade ausente, do mágico, do transcendente, onde moram todas as utopias e vontades não explícitas do ser humano.

Para nós, como para os estudiosos da cultura, especificamente antropólogos e historiadores do sagrado, o mito é uma narrativa que faz referência a um passado remoto, mas conserva no presente todas as suas qualidades explicativas acerca da história do homem e da sociedade. O mito dá conta de uma realidade que chegou à existência, ou seja, conta sobre o surgimento do mundo, do cosmos, relata as circunstâncias do surgimento do próprio homem ou sobre qualquer outro aspecto ligado à sua existência. Para outros, a idéia de mito confunde-se com a mistificação, a mentira, a ilusão, interpondo-se como um aparato que distorce intencionalmente a

²⁴ MOTTA, Luiz Gonzaga. Conflito Político e Geração de Sentido nas Notícias in Cadernos do CEAM nº6, EdUnb, Brasília, 2001. p. 47.

realidade. Mas o mito pode ser definido a partir de sua função ligada à imaginação criadora como um “conjunto de imagens motrizes”, que incitam à ação, apresentando-se como um estimulador de energias de excepcional potência. Poderíamos comparar o mito ao sonho, pois ambos se organizam como uma sucessão de imagens que se encadeiam, nascem uma da outra, chamam uma à outra, respondem-se e confundem-se. Esse jogo complexo de associações visuais remete a outras imagens, outros caminhos, por vezes, inesperados. O mito não pode ser determinado a partir de contornos precisos a não ser como conseqüência de uma conceituação, que reduz e empobrece sua riqueza e complexidade. Claude Lévi-Strauss alerta para o encerramento do mito em determinados contornos, ignorando a natureza da realidade mítica, aplicando ao seu estudo os princípios da análise cartesiana:

“Não existe limite, escreve ele, para a análise mítica, unidade secreta que se possa apreender ao cabo do trabalho de decomposição. Os temas desdobram-se ao infinito; quando se crê tê-los desemaranhado uns dos outros, mantendo-os separados, é apenas para constatar que se ressoldam em função de afinidades imprecisas...”²⁵

Apesar da complexidade das sociedades contemporâneas, as relações com os mitos pouco se diferenciam dos mitos sagrados das sociedades tradicionais, quando considerados os aspectos da fluidez e da imprecisão de seus contornos, pois se interpenetram, gerando uma rede de complementaridade de sentidos. Essas significações, além de complementares, muitas vezes são contrárias, como conseqüência do polimorfismo e ambivalência do mito. À guisa de exemplo, podemos citar: a casa, que no sonho tanto pode significar abrigo, segurança, refúgio, como também a imagem do calabouço, da sepultura; a serpente que, ao mesmo tempo é objeto de aversão e símbolo de fecundidade.

Além das características de ambivalência e fluidez, existe ainda uma outra característica, que poderíamos chamar de uma “lógica do discurso mítico”. Como os sonhos, cujas imagens se alternam dentro de espaço restrito de significação, em função das leis da repetição e da associação, os mitos estão submetidos aos mecanismos combinatórios da imaginação coletiva. Essa alternância e combinação de imagens têm uma certa organização, estando inseridas em determinada “sintaxe”, conforme sugerido por Claude Lévi-Strauss²⁶. Como um último traço característico da narrativa mítica, cabe salientar que se trata de uma “constelação mitológica”, que Gilbert Durand conceitua como o conjunto de construções mitológicas sob o domínio

²⁵ Girardet, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*, p.15.

²⁶ *Idem*, p.17.

de um mesmo tema, reunidas em tornos de um núcleo central, cuja construção da “grande narrativa” nos permitirá analisar seus contornos e dimensionar sua existência.

No complexo universo das projeções oníricas buscamos identificar como se compõe essa multiplicidade de imagens cristalizadas em torno dos personagens, cujas dimensões se sobrepõe e se imbricam na narrativa. A personagem se constrói sobre uma linha de ruptura, no tempo do presente imediato que ele se afirma e se define. Como o sonho, o mito não depende de nenhuma cronologia e de nenhum contexto factual, visto que podem ser reinventados e reinterpretados, pois cada um de nós tem a liberdade de reconstruir seus personagens.²⁷ O grande desafio que ora nos propomos para a análise da narrativa jornalística, em especial, da narrativa mítica, consiste em apreender como se dá a construção dessa “grande narrativa”, e como essa se transmuta do real para o imaginário.

Queremos concluir este trabalho convidando aos interessados a participar conosco da adaptação que vimos fazendo na Universidade de Brasília, ao longo dos últimos três anos, dos procedimentos da narratologia à análise da notícia para melhor entender os processos de construção de sentidos. Acreditamos firmemente que estes procedimentos abrem um campo enorme e têm uma contribuição importante a dar à teoria da comunicação e aos estudos sobre os processos de produção de sentido, e especialmente à teoria da notícia. Nos últimos anos, muito se escreveu e publicou sobre a teoria da narrativa, mas quase sempre se levando em conta apenas os produtos ficcionais. O seu emprego à produtos não ficcionais exigirá certamente adaptações criativas, somadas a um esforço para não se perder o específico da comunicação de massa. O estudo do papel do narrador desde a perspectiva da narratologia aplicada à comunicação, por exemplo, traz desafios interessantes e convida à formulações diversas. Neste sentido, cremos que, dando prioridade à Análise da Narrativa que parte do texto e privilegia a história, não se pode perder de vista as contribuições recentes da Análise Pragmática, que ampliam a análise para os fatores extralingüísticos e configuram o ato comunicativo interligando narrador e destinatário. Os desafios estão lançados, resta-nos recuperar a coragem, a ousadia e a criatividade para enfrentá-los.

²⁷ *Ibid.*, p. 81.

Bibliografia

- AUSTIN, J.L. *Como hacer cosas con palabras*. Barcelona. 1987.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador in Obras Escolhidas Vol. I*, Brasiliense, São Paulo.
- BERGER, P & LUCKMAN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis. Vozes. 2001.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. S.Paulo, Ática, 1985.
- CHILLÓN, Albert. *Literatura y Periodismo - Una Tradición de Relaciones Promiscuas*. Barcelona. Aldea Global. 1999.
- DUCH, Lluiz. *Mito, Interpretacion y Cultura*. Barcelona. 2000
- ECO, Umberto. *Lector in Fabula*. São Paulo. Perspectiva. 2ª ed. 2002.
- FRYE, Northrop. *Fábulas da Identidade*. São Paulo. Nova Fronteira. 1992
- MANGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo. Martins Fontes. 1996.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Conflito Político e Geração de Sentido nas Notícias in Cadernos do CEAM nº6*, Brasília, EdUnb, 2001.
- REIS, C. & LOPES, A.C.M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2ª ed. 1983.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa - tomo I*. Campinas, Papyrus, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo. Perspectiva. 1979
- TODOROV